



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Em Brasília, o fim do horror para 32 pessoas

Após mais de 30 dias convivendo com mortes, fome, falta d'água e angústia, brasileiros-palestinos chegam em busca de paz e segurança

» FERNANDA STRICKLAND
» HENRIQUE LESSA
» INGRID SOARES

Para os 32 repatriados brasileiros da Faixa de Gaza, que chegaram à Base Aérea de Brasília, ontem, exatamente às 23h24, em um avião da Presidência da República, foi o ponto final de um pesadelo de mais de 30 dias — período no qual temeram pela própria vida, passaram fome, racionaram água e conviveram com a angústia pela espera de serem incluídos em uma lista de nomes autorizados a cruzar a fronteira com o Egito. Foi 10º voo da ponte aérea entre o Brasil e o Oriente Médio, desde a eclosão do conflito, em 7 de outubro, com o massacre promovido pelo grupo terrorista Hamas, que invadiu o território israelense e matou mais de mil pessoas.

O grupo foi recebido pelo presidente da República e parte do primeiro escalão do governo, além dos chefes militares. Tal como fizera mais cedo, em uma cerimônia no Palácio do Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva criticou as operações israelenses na Faixa de Gaza e comparou-as a um ato de terrorismo de brutalidade semelhante ao cometido pelo Hamas. Mais uma vez, lamentou que mulheres e crianças sejam as maiores vítimas do conflito.

Lula reafirmou que não deixará nenhum brasileiro que esteja na zona de guerra, e pretenda voltar para o Brasil, para trás. Falou nos cidadãos restantes em Gaza e na Cisjordânia e elogiou a atuação da diplomacia brasileira, primeiramente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e, depois, junto ao governo de Israel e demais atores envolvidos no conflito.

No grupo que desembarcou em Brasília, três crianças — de três, seis e outra com

aproximadamente 12 anos —, além de uma gestante, precisaram de atendimento hospitalar. Dos repatriados, quatro ficarão em Brasília, 12 vão para São Paulo se juntar às famílias, outros 12 seguirão para São Paulo onde ficarão em abrigos, dois seguem para Santa Catarina, um para Cuiabá e um para Novo Hamburgo (RS). A saída do grupo era esperada para o fim de semana, mas foi seguidamente adiada.

Mais cedo, Lula já tinha subido o tom contra Israel ao equiparar que as ofensivas em Gaza ao terrorismo do Hamas. “Nessa guerra, depois do ato provocado — e eu digo ato de terrorismo do Hamas —, as consequências, as soluções de Israel são tão graves quanto foram as do Hamas, porque eles estão matando inocentes sem nenhum critério. Joga bomba onde tem criança, onde tem hospital, a pretexto de que um terrorista está lá”, criticou, acrescentando que a repatriação dos 32 dependia “da boa vontade de Israel”.

As críticas de Lula a Israel foram mal recebidas por entidades da comunidade judaica. A Confederação Israelita do Brasil (Conib) classificou-as como “equivocada e perigosa”. “Estimulam entre seus muitos seguidores uma visão distorcida e radicalizada do conflito. A comunidade judaica brasileira espera equilíbrio das nossas autoridades e uma atuação serena que não importe ao Brasil o terrível conflito no Oriente Médio”.

Já o escritório brasileiro da ONG israelense StandWithUs chamou de “graves e inverídicas” as declarações. “O presidente brasileiro equiparou Israel, um Estado democrático, com um grupo terrorista com intentos abertamente genocidas, que massacrrou cerca de 1.200 pessoas — entre elas três brasileiros — e sequestrou 240 pessoas”, diz o texto.

Henrique Lessa/CB/D.A Press



Lula, parte do primeiro escalão do governo e os chefes militares receberam os refugiados. Jato com o grupo tocou o solo da base aérea às 23h24

Músico preso seria ligado ao Hezbollah

» RENATO SOUZA

A Polícia Federal prendeu, na noite de domingo, no Rio de Janeiro, o músico Michael Messias, suspeito de ligação com o grupo terrorista Hezbollah. Com isso, são quatro as prisões no âmbito da Operação Trapiche, que investiga o planejamento de atentados do grupo terrorista libanês no país.

Messias disse, em depoimento à PF que é músico e que estava no Líbano para fazer uma apresentação de pagode. No entanto, investigadores dizem não ter

encontrado indícios da veracidade das afirmações.

A suspeita é de que Messias tenha ligações com Mohammad Khir Abdulmajid, sírio naturalizado brasileiro que seria o responsável por estabelecer o contato entre o Hezbollah e os brasileiros recrutados. Abdulmajid está sendo procurado pela polícia e teve o nome incluído na lista vermelha da Interpol — o que significa que pode ser detido no Brasil ou no exterior.

As autoridades identificaram a viagem de brasileiros para

Beirute para, supostamente, receber treinamentos e instruções do Hezbollah. Lucas Passos Lima foi preso no mesmo dia do técnico em plásticos Jean Carlos de Souza, de 38 anos, capturado pelas equipes policiais nas proximidades de um hotel em que estaria hospedado, no centro de São Paulo.

Das quatro prisões, uma delas foi relaxada na sexta-feira e o suspeito foi liberado. Entre os detidos está o brasileiro Lucas Passos Lima, de 35 anos, que estava retornando do Líbano quando

foi preso, no Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP). Ele tem passagem pela polícia por porte ilegal de armas.

A Operação Trapiche — desencadeada para deter suspeitos de prepararem, no Brasil, atentados contra alvos relacionados à comunidade judaica — vem usando informações repassadas pelos serviços de inteligência de Israel e dos Estados Unidos. As autoridades brasileiras foram alertadas de que integrantes do grupo terrorista libanês estavam recrutando brasileiros.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

“Os EUA fracassam em ser o xerife do mundo, principalmente no Oriente Médio. Biden é tratado como ‘pato manco’ por Netanyahu”

Subida no tom e comparação de Israel com o Hamas

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva subiu o tom contra o governo de Israel, ontem, ao criticar os bombardeios das Forças de Defesa de Israel (FDI) na Faixa de Gaza, que atingiram civis inocentes, principalmente mulheres e crianças. A mudança de tom ocorreu em evento no qual comemorou o resgate pelo Itamaraty de 32 brasileiros que estavam na Faixa de Gaza e chegaram ao Brasil no avião da Presidência, que os aguardava no Egito.

Desde o começo da reação ao ataque terrorista de 7 de outubro, quando o Hamas matou 1.400 pessoas em território israelense — a maioria mulheres e crianças — e sequestrou 200 reféns, foram mortos pelo exército israelense 12 mil palestinos. Em fala muito dura, Lula equiparou a reação de Israel em Gaza ao atentado terrorizara do Hamas: “A quantidade de mulheres e crianças que já

morreram, de crianças desaparecidas, a gente não tem conhecimento em outra guerra. Depois do ato de terrorismo do Hamas, a solução do Estado de Israel é tão grave quanto foi o ato do Hamas, porque eles estão matando inocentes sem nenhum critério”.

As declarações ocorrem um dia depois de Lula ter se reunido com o chanceler Mauro Vieira para avaliar a situação no Oriente Médio. São um reposicionamento em relação à guerra e ao governo de Israel, que demorou, mas cumpriu o acordo para liberar os brasileiros que estavam em Gaza. A demora de três semanas para os governos de Israel e Egito abrirem a passagem de Rafah exigiu muita habilidade dos diplomatas brasileiros nas negociações e resiliência dos refugiados.

Lula passou recibo de sua insatisfação com essa demora: “Dependia da boa vontade de Israel,

de uma quantidade de pessoas que a gente nem sabia. Agora, vamos ver se ainda tem gente na Cisjordânia que queira vir. (...) Nós não vamos deixar nenhum brasileiro ou brasileira lá se ele quiser voltar. Nós vamos ter que encontrar soluções para trazer”, disse.

Sabe-se que outros brasileiros contataram a embaixada do Brasil na Cisjordânia e manifestaram o desejo de voltar, mas não há a menor previsão de quando isso seria possível.

A Embaixada do Israel não se manifestou diretamente, mas o presidente da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Claudio Lottenberg, divulgou nota na qual rebateu Lula e classificou suas declarações de “equivocadas e perigosas”. Disse, ainda, que “Israel vem fazendo esforços visíveis e comprovados para poupar civis palestinos, pedindo que eles se desloquem para áreas mais seguras, criando corredores humanitários, avisando a população da iminência de ataques”.

Segundo Lottenberg, o Hamas “se esconde cínica e

covardemente atrás das mulheres e crianças de Gaza” e que “a morte desses civis palestinos é uma arma importante da estratégia do Hamas, uma estratégia que o próprio grupo terrorista reconhece que pratica”. Para ele, Lula disseminou “uma visão distorcida e radicalizada do conflito, no momento em que os próprios órgãos de segurança do governo brasileiro atuam com competência para prender uma rede terrorista que planejava atentados contra judeus no Brasil”.

Crise humanitária

Os números da crise humanitária em Gaza, divulgados pelo Monitor Euro-ME dos Direitos Humanos, são impressionantes: 11.091 mortos, dos quais 10.203 civis, sendo 4.812 crianças e 2.994 mulheres; 2.551 soterrados, 30.220 feridos; 1,6 milhão de deslocados, 53,7 mil habitações completamente destruídas e 156,2 mil parcialmente; 111 sedes de imprensa, 214 escolas, 64 mesquitas e 12 hospitais

destruídos; 397 profissionais de saúde mortos ou feridos; 101 funcionários da ONU e 46 jornalistas mortos.

Diante desses fatos, a mudança de tom de Lula não está descolada de iniciativas diplomáticas para retomar a discussão de um cessar-fogo em Gaza no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), agora sob a presidência da China. Ontem, os Estados Unidos fizeram uma demonstração de força ao bombardear bases islâmicas na Síria, das quais foram realizados ataques contra forças militares norte-americanas na região. Amanhã, provavelmente, o presidente Joe Biden e o presidente da China, Xi Jinping, deverão se encontrar na Califórnia.

Enquanto a China observa a crise em Gaza, os EUA fracassam na tarefa a que se impuseram de serem o xerife do mundo, principalmente no Oriente Médio. Biden é tratado como “pato manco” por Netanyahu. Ontem, o primeiro-ministro de Israel reafirmou que não haverá um cessar

fogo: “Isto não é uma ‘operação’ nem uma ‘ronda’, mas uma guerra até ao fim. É importante para mim que vocês saibam disso. Isso não é da boca para fora, mas vem do coração e da mente. Se não acabarmos com eles, eles voltarão”, disse aos soldados do Batalhão Caracal, no domingo.

Há sinais de que Israel também pretende destruir o Hezbollah no Sul do Líbano, em razão dos ataques de foguetes que vem sofrendo, tão logo assegure o controle sobre Gaza.

A propósito, as investigações da Polícia Federal sobre as conexões do Hezbollah no Brasil avançam. O músico Michael Messias preso no domingo, no Rio de Janeiro, negou envolvimento com o grupo terrorista, mas revelou que suas viagens foram pagas pelo sírio naturalizado brasileiro Mohamad Khir Abdulmajid, procurando pela Interpol e principal alvo das investigações. A PF, que já prendeu seis suspeitos, suspeita que o Hezbollah pretendia “terceirizar” atentados no Brasil.